

História e Imprensa homossexual em Lampião da Esquina (1978-1981)¹

Vinicius Coelho²

Universidade Federal Fluminense

O presente trabalho se propõe a analisar o Jornal *Lampião da Esquina*³, manifestação impressa por grupo de homossexuais brasileiros, que circulou entre 1978 a 1981. O movimento LGBT⁴ ganhou notoriedade no Brasil durante a Ditadura Militar. Historicamente, as mulheres e, com mais organicidade, os negros há muito tempo aparecem como resistência ao sistema de dominação. Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros se organizaram no Brasil, pleiteando demandas pertinentes a sua bandeira de luta, a partir da segunda metade do século XX. O Lampião através de suas páginas expressa os anseios desses sujeitos historicamente (in)visibilizados.

Palavras-chave: Imprensa homossexual; Lampião da Esquina; Homossexualidade

Introdução

As décadas de 1960 e 1970 foram anos de profundas mudanças socioculturais. Segundo Hobsbawm, a família nuclear, que se tornou padrão na sociedade ocidental nos séculos XIX e XX, as estruturas de relações entre os sexos e gerações estavam sendo questionada. Na segunda metade do século XX, esses arranjos básicos, e há muito existentes, começam a mudar com grande rapidez. O autor aponta que a família nuclear ocidental clássica, o casal casado com filhos, estava em visível retratação. O inglês chama atenção é que, grandes ou pequenas, as mesmas transformações podem ser identificadas por todo globo. O historiador afirma que

A crise da família estava relacionada com mudanças bastante drásticas nos padrões públicos que governavam a conduta sexual, a parceria e a procriação. Essa foi uma era de extraordinária liberação tanto para os heterossexuais (isto é, sobretudo para as mulheres, que gozavam de muito menos liberdade que os homens) quanto para os homossexuais, além de outras formas de dissidência cultura-sexual. No entanto, a maior parte das práticas homossexuais foi

¹ 3º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia

² Graduando em História pela Universidade Federal Fluminense e bolsista de extensão do projeto de extensão Juventude e homoafetividade: Direitos Sexuais são Direitos Humanos. E-mail: falecomviniciuscoelho@hotmail.com

³ Em 2010 o Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott restaurou e digitalizou toda a coleção do jornal, disponibilizando-a em formato PDF no site do Grupo Dignidade: <http://www.grupodignidade.org.br/blog/cedoc/jornal-lampiao-da-esquina/>

⁴ O termo oficialmente usado para a diversidade no Brasil é LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros). A alteração do termo GLBT em favor de LGBT foi aprovada na 1ª Conferência Nacional GLBT realizada em 2008. A mudança de nomenclatura foi realizada a fim de valorizar as lésbicas no contexto da diversidade sexual e também de aproximar o termo brasileiro com o termo predominante em várias outras culturas. Cf: CANABARRO, Ronaldo (Org.); OLIVEIRA, Cinthia Roso (Org.); PICHLER, Nadir Antonio (Org.). *Filosofia e homoafetividade: algumas aproximações*. Passo Fundo: Méritos, 2012.

discriminada na segunda metade da década de 1960 (HOBSBAWM, 2010, p. 314).

Maria Paula Araújo, em sua obra *A Utopia Fragmentada*, diz que nos 1960 e 1970 surgiram no mundo inteiro grupos, movimentos, partidos e organizações que tentaram *reinventar a política*. Faziam uma crítica “pela esquerda” aos partidos comunistas e socialistas tradicionais bem como à burocratização da política, buscando caminhos alternativos para transformação social. Nesse sentido, segundo a autora, surgem “movimentos de minorias políticas como o feminista, o negro e o gay” (ARAÚJO, 2000, p. 9).

Berman diz que a revolução de costumes e padrões de comportamentos, o “movimento negro, a liberação sexual, o movimento feminista e o gay faz parte das “quatro grandes revoluções” que ocorreram pós 1968 e marcaram o período de mudança que ocorreram no mundo” (BERMAN apud ARAÚJO, 2000).

O recém-ampliado campo de comportamento publicamente aceitável, incluindo o sexual, na certa aumentou a experimentação e a frequência de comportamento até então considerado inaceitável ou desviante, e sem dúvida aumentou a sua visibilidade. Assim, no EUA, o surgimento público de uma subcultura homossexual abertamente praticada, mesmo nas duas cidades que determinavam tendências, São Francisco e Nova York, e se influenciava uma à outra, só ocorreu quando já bem avançados os anos 60, e sua influência como grupo de pressão política só nos 70⁵.

Percebemos nesta conjuntura, que assuntos até então invisibilizados ganham evidência na sociedade. Conforme Selene Herculano, os Novos Movimentos Sociais não atacariam a divisão do trabalho ou forma de organização da economia, mas sim os valores culturais (2004). Sendo assim, questões relacionadas à sexualidade vão paulatinamente se expandindo nesse debate.

A segunda metade do século XX é marcada por dois momentos importantes para a comunidade homossexual, a Revolta de Stonewall e a luta por direito encampada por Harvey Milk. Tomada como a queda da Bastilha, esses movimentos buscam a liberação sexual e a quebra dos padrões heteronormativo. Uma das políticas fomentada era a de “sair do armário”⁶.

⁵ DUBERMAN et al., 1989, p. 460. In: HOBSBAWM. Eric. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo. Ed Cia das Letras. 1995. p.327

⁶ o “armário” é um dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas que concerne, também, aos heterossexuais e seus privilégios de visibilidade e hegemonia de valores. A pesquisadora norteamericana afirma que “o armário”, ou o “segredo aberto”, marcou a vida gay/lésbica no último século e não deixou de fazê-lo mesmo após o marco de Stonewall em 1969. Ressoante como é para muitas opressões modernas, a imagem do armário é indicativa da

A Revolta de Stonewall foi um episódio que ocorreu em um bar, Stonewall, muito frequentado por gays, lésbicas e travestis de Nova Iorque, Estados Unidos, em 28 de junho de 1969. Insatisfeitos com as duras policiais que ocorriam frequentemente no estabelecimento, seus usuários, em uma manifestação espontânea, resolveram enfrentá-los. As manifestações duraram uma semana e no ano seguinte organizaram a primeira parada do orgulho LGBT. A partir de então, aumentou no mundo o número de grupos que se identificavam por homossexuais.

O legado mais importante da “Rebelião de Stonewall” foi ela ter se transformado de um simples momento de emoção à flor da pele em um movimento de racionalização, de sistematização da luta, de inauguração e prolongamento de ações políticas que deixarão marcas profundas nos corpos e nas mentes de gays e lésbicas. (RODRIGUES, 2010, p. 49)

Harvey Bernard Milk muda-se para São Francisco em 1972, onde inicia seu ativismo político por direitos humanos, mas especificamente pela causa LGBT, e foi o primeiro político assumidamente gay a ser eleito a um cargo público. Morto em 1978 por homofobia, torna-se um ícone pelas lutas dos direitos homossexuais quando enfrenta Anita Bryant que iniciou uma campanha pública contra a homossexualidade.

Mais do que qualquer outro, esses movimentos (*de minorias*) chamaram para si a tarefa de politizar questões ligadas ao cotidiano⁷, ao subjetivo, ao privado, às relações pessoais, tendo sido um dos principais responsáveis pela tentativa de reinventar a política nos anos 1970.

Partia-se do pressuposto do caráter político das questões ligadas ao cotidiano e ao subjetivo. Nesse sentido, atribuía-se uma dimensão política ao privado, ressaltando o caráter estrutural da dominação e tornando evidentes as modalidades de poder que também se expressam na vida cotidiana, nos diversos aspectos das relações sociais e pessoais (SOHIET, 2013, p.67).

Araujo (2000) apresenta que a *esquerda fragmentada*, ou *esquerda alternativa*, dos anos de 1960 e 1970 que surgiram são os movimentos de minorias (LGBT's, feministas e negros) e buscavam uma transformação de costumes, lutando contra a

homofobia de uma maneira que não o pode ser para outras opressões. O racismo, por exemplo, baseia-se num estigma que é visível, salvo em alguns casos excepcionais (casos que não são irrelevantes, mas que delinham as margens, sem colorir o centro da experiência racial). O mesmo vale para as opressões fundadas em gênero, idade, tamanho, deficiência física. Opressões étnicas/culturais/religiosas, como o anti-semitismo, são mais parecidas, pois o indivíduo estigmatizado tem pelo menos alguma liberdade de ação – embora, o que é importante, não se possa garantir quanta – sobre o conhecimento das outras pessoas acerca de sua participação no grupo: poder-se-ia “sair do armário” como judeu ou cigano, numa sociedade urbana heterogênea, de maneira mais inteligível do que se poderia “sair” como, digamos, mulher, negro, velho, usuário de cadeira de rodas ou gordo. De qualquer maneira, uma identidade judia ou cigana (por exemplo) e, portanto, um segredo ou armário judeu ou cigano seriam diferentes das versões distintamente gays dessas coisas em sua clara linearidade ancestral, nas raízes (por mais tortuosas ou ambivalentes) da identificação por meio da cultura originária que cada indivíduo tem (no mínimo) na família.

⁷ Cf.: ARAUJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada: novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

homofobia, machismo e racismo. Apesar de suas especificidades esses movimentos foram deixados de lado pela esquerda tradicional que tinha como prioridade a luta de classes.

Homo sapiens homosexules: as bichas, sapatões e travestis saem do gueto em *Lampião da Esquina*

Os periódicos LGBT's no Brasil surgem a partir da necessidade de problematizar questão sobre a (HOMO)ssexualidade, dar voz a uma parcela da sociedade, combater um sistema que os tornavam invisíveis, construir um refúgio coletivo e, sobretudo, sair da marginalidade. Dentro desse contexto, surge a partir dessas demandas o *Lampião da Esquina*. Rodrigues diz que o “surgimento desse jornal faz parte do inconformismo diante da repressão e do conservadorismo que se abatia sobre uma parcela da sociedade brasileira” (RODRIGUES, 2010, p.51).

O *Lampião da Esquina* é o primeiro jornal a circular a nível nacional e de forma sistemática que fala sobre a questão da homossexualidade. Kucinski (2003) fala que havia, além da imprensa alternativa que lutava contra o discurso ideológico-militar, “tinham os que eram mais voltados a critica dos costumes e à ruptura cultural, investiam principalmente contra o autoritarismo na esfera dos costumes e o moralismo hipócrita da classe média”, como foi o caso do *Lampião*.

Segundo João Silvério Trevisan

Foi nesse contexto de ebulição que , no fim de 1977, alguns intelectuais, jornalistas e artistas de São Paulo e Rio de Janeiro reuniram-se no apartamento do pintor Darcy Penteado, a propósito de uma antologia de literatura guei latino-americana, organizada por Winston Leyland, fundador da Gay Sunshine Press, de São Francisco (Califórnia) [...] Nesse encontro surgiu a ideia de se formar um Coletivo para a criação de um jornal feito por e com o ponto de vista de homossexuais, que discutisse os mais diversos tema e fosse vendido mensalmente nas bancas de todo país [...] *Lampião* vinha, bem ou mal, significar uma ruptura: onze homens maduros, alguns muito conhecidos e respeitados intelectualmente, metiam-se num projeto em que os temas tratados eram aqueles considerados “secundários” _ tais como sexualidade, discriminação racial, artes, ecologia, machismo _ e a linguagem empregada era comumente a mesma linguagem desmunhecada e desabusada do gueto homossexual (TREVISAN, 2011, p. 338/339).

A primeira edição, a zero⁸, é lançada em abril de 1978 e a última em junho de 1981, teve um total de 38 exemplares. Sua sede ficava em Santa Teresa, Rio de Janeiro, e era uma publicação de *Lampião*, Editora de Livros, Revistas e Jornais. O jornal tem

⁸ A edição zero é lançada apenas com o nome de *Lampião*, mas como havia um jornal com esse nome os editores tiveram que alterar devido a questões burocráticas. Este periódico, o zero, não foi vendido, foi uma edição experimental e distribuídas a pessoas selecionadas pelos editores do jornal.

inicialmente sete seções, são elas: Opinião; Ensaio; Esquina; Reportagem; Literatura; Tendências e Cartas na mesa. A partir do número cinco a seção Bixórdia foi incluída. O jornal era preto e branco, mas suas capas tinham algumas cores, ora vermelho, amarelo, verde, azul, que faziam um contorno nas letras de suas manchetes e tinha tamanho tabloide.

O Conselho Editorial foi composto por homossexuais publicamente assumidos, são eles: 1) Adão Acosta - jornalista, ex terapeuta ocupacional, pintor e exercia esporadicamente a função de tradutor (inglês-português). 2) Aguinaldo Silva - jornalista especializado em assuntos policiais, escritor (com 10 livros publicados, até 1978), tem uma longa experiência na imprensa alternativa: colaborou com *Opinião* desde os primeiros números, e foi um dos fundadores de *Movimento*. 3) Antônio Chrysóstomo - jornalista, especializado em música popular, escreveu, produziu e dirigiu vários shows, foi um dos mais polêmicos críticos do país. 4) Clóvis Marques - jornalista e tradutor, fez crítica de cinema, foi subeditor do Guia de Filmes publicado pela Embrafilme, foi correspondente, no Brasil, de Film Dope, de Londres.

5) Darcy Penteado - artista plástico e escritor, foi uma das figuras mais importantes do front cultural paulista. Foi o primeiro intelectual brasileiro a defraudar publicamente a bandeira de luta contra a discriminação e o preconceito em relação aos homossexuais, seu primeiro livro “A Meta”, conta histórias que abordavam esse tema, foi um dos maiores sucessos editoriais do ano de 1977. 6) Francisco Bittencourt - poeta, crítico de arte e jornalista, publicou dois livros de poemas, foi membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (seção do Brasil) e colabora como crítico em vários jornais. 7) Gasparino Damata - jornalista e escritor, com passagens pela diplomacia, organizou duas antologias “Histórias do Amor Maldito e Poemas do Amor Maldito, que tinham a homossexualidade como tema. 8) Jean-Claude Bernardet - crítico de cinema, foi um dos teóricos do Cinema Novo, possuiu também uma longa experiência na imprensa alternativa, foi um dos colaboradores mais ativos do *Opinião* e um dos fundadores de *Movimento*. 9) João Antonio Mascarenhas - advogado, jornalista e tradutor, abandonou a burocracia dos ministérios da Educação e da Agricultura para formar a cadeia de “gente boa” que resultou na ideia de se publicar o Lampião. 10) João Silvério Trevisan, cineasta e escritor, é autor de um dos livros de contos mais elogiados em 1977, Testamento de Jônatas deixado a Davi, escreveu um romance destinado ao público juvenil, fruto de suas andanças pela América Latina. 11) Peter Fry, nasceu em Liverpool, Inglaterra, e formou-se em Cambridge. Após um período como antropólogo

na Rodésia, voltou a Inglaterra, onde fez doutorado na Universidade de Londres, que o contratou depois como professor. Em 1970 veio para o Brasil contratado pela Universidade de Campinas. Pesquisa as religiões afro-brasileiras e sexualidade no Brasil.

Numa conjuntura de reabertura política, após longos anos do regime militar, onde a censura imperou exacerbadamente, surgiu o *Lampião*. Na primeira matéria do jornal, na seção Opinião, traz como o título “Saindo do gueto”, e coloca essa pergunta: “Mas um jornal homossexual, para quê?”. E eles respondem

nossa resposta, no entanto, é esta: é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanos e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter [...] uma minoria, é elementar nos dias de hoje, de voz [...] o LAMPIÃO reivindica em nome dessa minoria não é apenas se assumir e ser aceito _ o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que pessoas homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo direito de lutar por sua plena realização [...] nós nos empenharemos em desmoralizar este conceito que alguns nos querem impor _ que a nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos. (*Lampião*, número zero, p.2).

O *Lampião da Esquina* enfrenta a moral conservadora, faz resistência aos padrões heteronormativos que controlam os comportamentos sociais, problematiza o estereótipo do sujeito homossexual e traz a tona assuntos relacionados à sexualidade. Desde sua primeira edição tinha uma preocupação em desmistificar a visão da sociedade em relação aos homossexuais.

Em seguida na seção Ensaio, que era dividida em duas partes, apresenta a entrevista feita com Darcy Penteado, com a frase “Eu criei a arte erótico-homossexual no Brasil” em destaque, mostrando a entrevista com uma preocupação em separar o pornográfico, característica muito atrelada a homossexuais, do erótico.

Segundo Penteado, “o erotismo depende do grau de sensibilidade de quem vê, mais que daquilo que é visto [...] a imoralidade está na cabeça de quem vê não no que é visto”. Penteado faz arte, no entanto, devido ao preconceito sua obra é marginalizada. Ele desenhava o nu entre homens e isso causa um estranhamento social, ele diz que “o brasileiro tem do homossexual uma ideia primária calcada no “folclore” que circula pelas ruas e que é absolutamente negativa”.

O artista aproveita as páginas do jornal para mostrar sua arte e contextualizá-la, pois como ele falava, não encontrava outro espaço para publicizar seus traços. Penteado fala das “dificuldades que os artistas tinham em tratar do tema, fazendo somente abordagens tímidas ou evitando-o por causa da delimitação moral imposta pela sociedade” (RODRIGUES, 2010, p. 55).

Outra característica dessa coluna é que publicava matérias internacionais, ou textos que foram publicados em outros periódicos estrangeiros. Na edição zero tem a matéria sobre a ONU com o título: “Lontras, piranhas, ratos, veados e gorilas, atenção: vocês também têm direitos (A ONU decidiu)”. Na publicação de número quatro temos “Um texto clássico sobre o feminismo americano” da nova-iorquina Anne Koedt. E na edição de número 27, temos uma entrevista de Sartre dada a um jornal francês

A seguir, na coluna Esquina, o jornal mostra um artigo com o título “A verdade sobre Garcia Lorca”. O espanhol nasceu em Fuente Vaqueros, foi poeta e dramaturgo e foi vítima da Guerra Civil Espanhola devido ao seu alinhamento político. O periódico aborda questões sobre a sexualidade de Lorca e a esquerda. “Lorca, homossexual, mais cedo ou mais tarde seria repudiado pela esquerda espanhola, se o fuzilamento não o transformasse num mártir da democracia” (Lampião, número zero, 1978).

Na mesma seção apresenta outras matérias, com os seguintes títulos: “O nome orgasmo prazer é melhor?”, “Receita para ter um filho”, “Qual é a nossa imprensa”, “Com o tímido apoio da anistia”, “Lembrando o triangulo rosa”, “Mulheres do mundo inteiro”. Em uma nota na matéria “Receita para ter um filho” informa que algumas mulheres foram convidadas a participar da construção do jornal, no entanto, não aceitaram. Mas não tardou a participação das mulheres como colaboradoras do periódico.

Na “Reportagem”, do número zero, tem uma longa matéria sobre Celso Cúri, com o título: “Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Cúri?” Esta seção era a principal do Lampião. Sempre com longas matérias, convidavam pessoas notórias, homossexuais ou não, para entrevistar e publicar. Encontramos matérias com Darcy Ribeiro, Leci Brandão, Luiz Inácio Lula da Silva, Clodovil Hernandez, Andre Casparelly (transformista de grande sucesso nas casas de shows gays durante as décadas de 70 e 80), etc.

Em “Literatura” a proposta era publicar poemas, poesias, contos, estórias, gravuras e indicar livros, nacionais e internacionais, onde tivesse como tema central à sexualidade. Esta seção era dividida em duas partes no periódico. Uma indicava livros,

apresentando um pequeno resumo sobre eles, e a outra abria espaços para artistas, famosos ou não, para veicular sua obra nas páginas do jornal.

Na seção “Tendência” os autores indicavam e comentavam filmes, peças, exposições, festas, bailes, saraus, shows. Além da recomendação, eles faziam um breve resumo e apontavam os pontos negativos e positivos de sua sugestão. Comentavam, também, sobre filmes, peças e exposições de outros países avaliando-os.

A última seção, e uma das mais emblemáticas, é a “Cartas na Mesa”. Nestas páginas os leitores, com pseudônimos ou com seus nomes de registros, os leitores expressavam sua opinião. As cartas selecionadas pela redação comentavam temas variados como: assuntos abordados na edição anterior; sugeria pautas para novas matérias; relatavam experiências pessoais sobre sua sexualidade e como ser homossexual e etc. Na edição zero o periódico informa que “a ideia do Conselho Editorial de LAMPIÃO é fazer de sua seção de Cartas na Mesa uma espécie de tribuna através da qual seus leitores possam se expressar à vontade, inclusive fazendo críticas ao próprio jornal” (LAMPIÃO, 1978, p.14).

Rodrigues diz que

quanto ao projeto gráfico, de formato tabloide, o jornal não trouxe nenhuma novidade gráfica. Sua diagramação era tradicional, e os textos nenhuma novidade gráfica. Os textos seguem uma mancha gráfica previamente construída. Observa-se que a ilustração era usada com o mesmo peso da fotografia. Para a capa é utilizado o recurso da impressão com duas cores, o preto e mais uma; no interior a impressão é uma cor (preto/branco). Estas vão ser as características gráficas predominantes do jornal. Vale assinalar que, para o número zero, a segunda cor escolhida foi o vermelho, uma cor quente e de grande impacto. Em termos gerais, o projeto gráfico do jornal seguia o mesmo padrão da imprensa alternativa. Os editores, por falta de recursos, ou por não valorizarem este aspecto, não trouxeram nada de novo em termos gráficos, a não ser o fato de ser um jornal para homossexuais, ou, como eles queriam, um jornal de minorias (RODRIGUES, 2010. p. 57).

A edição zero foi uma impressão experimental lançada em abril de 1978 e foi enviada apenas as pessoas selecionadas pela redação do jornal. A partir da edição 01 o periódico foi vendido mensalmente em diversas bancas de todo país. Em alguns meses saíram publicações extras, totalizando três. Nestas edições especiais estavam matérias selecionadas de edições anteriores e não apresentava o mês, somente o ano da publicação.

Considerações Finais

A partir da análise do jornal *Lampião* percebemos, na interface história e imprensa, como a tradição de um segmento social historicamente oprimido, expressa através das linguagens, figuras e dialetos gays transformaram-se em importante instrumento de luta pelas reivindicações políticas do grupo. “O jornal ajudou a materializar um sonho de várias pessoas – a afirmação individual e a possibilidade real de um movimento gay organizado” (RODRIGUES, 2010, p. 94).

Nos últimos tempos, diversos grupos, em várias partes do mundo, reivindicam políticas [...] baseados na memória de experiência de violência e opressão historicamente reconhecida como contrárias ao que estabelecem as convenções universais de direitos humanos. Essas reivindicações envolvem não só direitos [...] como também ao que convencionou chamar de “dever de memória”. Ou seja, a luta para que determinados acontecimentos não sejam esquecidos, para que continuem presentes na memória de grupos e nações e para que sejam registrados na memória pública do país (ABREU; COUTO; MATTOS, 2013).

Nesse sentido, a publicação do *Lampião* foi uma importante ferramenta para que as lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais encontrassem um espaço social onde pudesse expor seus anseios e articular-se de forma mais coesa. O jornal questiona a construção dos padrões e valores normativos que regem a sociedade, para os enquadrarem nos valores *adequados* (ou considerados como tal). E tornou-se um manancial das questões LGBT's.

Segundo Fry e MacRae

embora o *Lampião* nunca tenha se colocado como porta-voz do movimento e tenha sempre afirmado a total autonomia de sua linha editorial, ele servia como ponto de referência e disseminava no país inteiro notícias sobre as atividades dos grupos (FRY e MACRAE, 1983, p.15).

O *Lampião* se diferenciava dos periódicos homossexuais anteriores devido à forma como abordava a homossexualidade. O jornal apresentava um tratamento que combatesse a imagem dos homossexuais como criaturas destroçadas por causa de seu desejo, incapazes de realização pessoal e com tendência a rejeitar sua própria sexualidade. Mas não fazia isso a modo de concentrarem-se exclusivamente nos homossexuais e, sim, apresentando-os como uma entre várias minorias oprimidas que tinham direito a voz. Um exemplo disso foi à matéria “Nossas gaiolas comuns”, que diz

uma metalurgia que luta pelos direitos salariais no sindicato, mas aceita as imposições ditadas pela moral sexual dominante nas relações com seu companheiro, ou um bancário que se engaja no movimento de libertação dos homossexuais, mas ignora a luta pelos direitos sindicais, estão alheios, um quanto ao outro, da luta mais ampla”. As lutas das mulheres, dos negros, dos

homossexuais, dos índios, dos prisioneiros _ categorias historicamente silenciosas _ tem nos ensinados que a história tem sujeitos e objetos, aqueles que falam e aqueles de quem se fala, mas também os sujeitos variam ao longo desse processo. Estas lutas têm nos ensinado que o conhecimento pode ser sinônimo de poder e que a fala torna visível questões concretas, mas não reconhecidas, não registradas [...] por tanto tempo manteve invisíveis às categorias de pessoas que agora começam a tentar a tentar um autorreconhecimento tentando afirma-se como sujeito de sua própria história. [...] ou tentamos, todos juntos, abrir as portas da gaiola, ou permaneceremos lá dentro, cada um com sua ilusão de que está numa gaiola particular [...] isso não significa esquecer a singularidade [...] mas implica em ter plena consciência da gaiola-blusa vestida por todos nós cada um a sua maneira. (*Lampião*, 1978, p.2).

Nas páginas do *Lampião* havia uma visibilidade politizada da sexualidade, ela tinha uma história e as próprias categorias de identidade sexual, que estavam brotando no contexto de 70. Essas classificações identitárias tinham como objetivo a discussão política, elas eram produtos de uma história e de um conjunto de relações políticas que estavam disseminadas na vida social dos LGBT's. Dolores Rodrigues afirma que

o *Lampião da Esquina* foi mais revolucionário jornal da imprensa nanica. Todos os jornais discutiam a abertura política, a ditadura, a anistia, etc. O *Lampião* passou por tudo isto e foi além. Ele foi o primeiro a discutir a identidade do homossexual brasileiro (RODRIGUES apud RODRIGUES, 2010, p.94).

O *Lampião*, em diversos atributos, foi muito diferente de tudo o que lhe havia antecedido em relação à imprensa homossexual. Conforme Green “reunia em seu conselho editorial um conjunto de jornalistas, escritores e intelectuais de considerável peso na vida cultural brasileira, que emprestavam uma inédita legitimidade à empreitada” (FACCHINI e SIMÕES, 2009, p.84). Rodrigues afirma que

no seu curto tempo de vida, o *Lampião* iluminou o caminho de várias pessoas que viviam à sombra de sua própria identidade. Foi importante para toda essa geração que pôde ver que não estava sozinha, que não era louca nem doente, e que existia um outro lado. Apesar de se confundir nos seus próprios passos, é inegável a contribuição do *Lampião* no longo do tortuoso caminho da construção das identidades gays (RODRIGUES, 2010, p. 97).

De acordo com Simões e Facchini

o fim do *Lampião* deixou os grupos homossexuais órfãos do principal meio de comunicação pelo qual faziam circular suas ideias e divulgar suas atividades por todo o país, dentro e fora do movimento. O importante papel cumprido pelo *Lampião* na mobilização ocorrida na virada nos anos de 1970 para os anos de 1980, bem como o vazio deixado pelo seu fim, em meio ao processo de redemocratização são ressaltados por vários dos participantes diretos desses acontecimentos (FACCHINI e SIMÕES, 2003, p.111).

O processo de aprofundamento das transformações culturais iniciadas na segunda metade do século XX, a conjuntura política brasileira de 1970, surgimento ou rearticulação dos movimentos sociais, o processo de reabertura política, imprensa alternativa e a fragmentação da esquerda colaboraram com o surgimento do *Lampião da Esquina*. A partir da ausência de mudança, nos assuntos relacionados à sexualidade, por parte da esquerda, 11 homens corajosos encamparam a elaboração do periódico que iluminou (e ilumina) boa parte dos LGBT's. O jornal foi um marco na luta contra opressão do segmento homossexual e buscou dar visibilidade a essa camada social historicamente silenciada.

Muito da literatura que havia sido produzida em relação à sexualidade era fragmentada, vaga e problemática. Numa perspectiva lacaniana, quando com o olhar dos de fora (os héteros) abordava esse assunto, sempre camuflado da neutralidade científica, apresentava em geral, de forma depreciativa a homossexualidade. O *Lampião*, construídos por intelectuais, problematiza essas questões abordadas, principalmente, pelos intelectuais héteros.

A imprensa homossexual que precedeu o *Lampião* estava voltada para o “colunismo social” e os demais jornais alternativos, quando tratavam desse assunto, abordava de maneira pejorativa, como amostra disso podemos ver a entrevista de Madame Satã ao *O Pasquim*⁹. A partir publicação do *Lampião* iniciou uma escrita profissional, feita por LGBT's publicamente assumidos. Viabilizando, assim, a compreensão de seus estilos de vida, seus padrões de cultura, hábitos, etc. A produção, nesse sentido, passou a ser feita por dentro do segmento homossexual, contribuindo para potencializar suas demandas e desmistificar o homossexual folclórico que dominava a subjetividade coletiva.

⁹ Ver em *O Pasquim* e *Madame Satã*, a “rainha” negra da boemia brasileira. Disponível em: <http://revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi%2007/topoi7a1.pdf>

FONTE

Lampião da Esquina

BIBLIOGRAFIA

ABOUD, Sérgio. Brasil sem Homofobia: a conquista de uma luta. In SOUSA, José Nilton de (Org.) Direitos humanos em debate. Niterói/RJ: EdUFF, 2009. 125-138 pp.

ABREU Martha; COUTO Patrícia Brandão; MATTOS Hebe. “O meu pai contava...”: tradição oral e identidade negra no sul fluminense. Texto a ser publicado em livro organizado por Ivana Stolze e Laura do Carmo, “História Social da Língua Nacional II: Diáspora Africana”, Ed. Casa de Rui Barbosa, em 2013.

AGUIAR, Flávio. Imprensa Alternativa: Opinião, Movimento e Em Tempo. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tânia Regina de (orgs). 2.ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2012.
ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. A utopia fragmentada: novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

BARTH, Fredrik. 2005. [1995]. “Etnicidade e o conceito de cultura”. Antropolítica, 19:15-30.
Disponível em: <http://www.uff.br/antropolitica/revistas/antropolicas/revista_antropolitica_19.pdf>

BASILE, Marcello. Sociabilidade e política na Regência: as associações caramurus da Corte. In: FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito e CORREA, Maria Letícia (orgs). 200 anos de imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

BEAUVOIR, Simone. O Segundo sexo. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 4ª edição. 1970.

BORRILLO, Daniel. Homofobia: História e Crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BOURDIEU P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1999.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMARGO, Cláudio. O meio é a mensagem: a globalização da mídia. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tânia Regina de (orgs). 2.ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2012.

ENGEL, Magali. História das Mulheres. In. CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org.). Domínios da História. Ensaios de Teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus. 1997.

FACCHINI, Regina. Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidade coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito e CORREA, Maria Letícia (orgs). 200 anos de imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

FACCHINI, Regina e SIMÕES, Julio Assis. Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2009.

FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. Abolicionismo e conflitos no Rio da Prata: o periódico Atalaia da Liberdade como um estudo de caso (1826). In: FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito e CORREA, Maria Letícia (orgs). 200 anos de imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. História da sexualidade II: o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. História da sexualidade III: o cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. *Uma entrevista: sexo, poder e a política de identidade*. Verve, 5: 260-277, 2004. Traduzido do francês por Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/sexpodident.html>>

GUIMARÃES, Antônio. Como trabalhar com raça em sociologia. In. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n.1, p. 93-107. Jan/jun. 2003.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de T. da Silva e Guacira L. Louro. São Paulo. Editora: DP&A. 1997.

KUCINSKI, Bernardo. Jornalista e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa. 2.ed ver e ampl. _ São Paulo: Editora da Universidade São Paulo, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. O Corpo Educado: Pedagogia das sexualidades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tânia Regina de (orgs). 2.ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2012.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tânia Regina de (orgs). 2.ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2012.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tânia Regina de (orgs). 2.ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. O Correio do Rio de Janeiro e o debate em torno do governo constitucional. In: FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito e CORREA, Maria Letícia (orgs). 200 anos de imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

PROST, Antoine. Doze lições sobre a história. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2008.

RODRIGUES, Jorge Caê. Impressões de Identidade: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil. Niterói:EdUFF, 2010.

SILVA, Wlamir. “Princípios substanciais acidentais”: da gênese do liberalismo moderado na imprensa mineira do Primeiro Reinado (1825-1831). In: FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito e CORREA, Maria Letícia (orgs). 200 anos de imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

SMITH, Bonnie. Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica; tradução Flávia Beatriz Rossler. – Bauru, SP: EDUSC, 2003.

SOIHET, Rachel. Do comunismo ao feminismo: a trajetória de Zuleika Alambert. Florianópolis: 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/_resources/anais/1276642208_ARQUIVO_Zuleika5.pdf

_____. História das Mulheres. In. CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org.). Domínios da História. Ensaios de Teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus. 1997.

SOIHET, Rachel e PEDRO, Joana. A emergência da pesquisa da História das mulheres e das Relações de Gênero. In. Revista Brasileira de História, vol. 27, nº 54, 2007.

SPENCER, Collin. Homossexualidade: uma História? Rio de Janeiro: Record, 1997.

SIMÕES, Julio. Entrevista com Julio Simões por Silvia Aguião. CLAM, 2010. Disponível em: <<http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Entrevista%20com%20Julio%20Assis%20Simoes.pdf>>

SOSA, Derocina. Imprensa e História. Biblos, Rio Grande, 19: 109-125 2006.

TREVISAN, João. Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade. São Paulo: Record,2011.

DOCUMENTÁRIO:

As Filhas da Chiquita. 51’29”. Disponível em:
< http://www.youtube.com/watch?v=7Cu_mt2SXBc>